

O ESTADO

JUDEU

DE

ISRAEL

FINALIDADE DESTA OBRA

Este livro como os demais por mim publicados tem o intuito de levar os homens a se tornarem melhores, a amar a Deus acima de tudo e ao próximo com a si mesmo. Minhas obras não têm a finalidade de entretenimento, mas de provocar a reflexão sobre a nossa existência. Em Deus há resposta para tudo, mas a caminhada para o conhecimento é gradual e não alcançaremos respostas para tudo, porque nossa mente não tem espaço livre suficiente para suportar. Mas neste livro você encontrará algumas respostas para alguns dos dilemas de nossa existência.

AUTOR: Escriba de Cristo é licenciado em Ciências Biológicas e História pela Universidade Metropolitana de Santos; possui curso superior em Gestão de Empresas pela UNIMONTE de Santos; é Bacharel em Teologia pela Faculdade das Assembléias de Deus de Santos; tem formação Técnica em Polícia Judiciária pela USP e dois diplomas de Harvard University dos EUA sobre Epístolas Paulinas e Manuscritos da Idade Média. Radialista profissional pelo SENAC de Santos,

reconhecido pelo Ministério do Trabalho. Nasceu em Itabaiana/SE, em 1969. Em 1990 fundou o Centro de Evangelismo Universal; hoje se dedica a escrever livros e ao ministério de intercessão. Não tendo interesse em dar palestras ou participar de eventos, evitando convívio social.

CONTATO:

<https://www.facebook.com/centrodeevangelismouniversal/>

<https://www.facebook.com/escribade.cristo>

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

M543 Escriba de Cristo, 1969 –

O ESTADO JUEU DE ISRAEL

Itariri/SE Amazon.com

Clubedesautores.com.br, 323 p. ; 21 cm

ISBN: 9781709204470

1. Nação 2. Estado 3. Israel 4 . Constituição do
Estado 5 – História 6 - Estatísticas Título

CDD 900

CDU 93

CENTRO DE EVANGELISMO UNIVERSAL

-CGC 66.504.093/0001-08

INTRODUÇÃO

O Estado Judeu de Israel é um milagre vivo. Depois de milênios de perseguições e expulsos de suas terras há dois mil anos, os judeus não perderam sua identidade nacional e em 1948 retornaram a sua terra, a Terra Prometida por Deus a Abraão e que nela seus descendentes habitariam para sempre. O retorno dos judeus a Israel foi um choque para o islamismo e os ateus que desdenhavam que as promessas de Deus na Bíblia não se cumpriram, pois os judeus estavam a quase dois mil anos longe de sua terra e o Estado de Israel não existia mais. Até os cristãos passaram a desenvolver uma teologia que explicava o fim de Israel, se auto proclamando a si mesmo como o Novo Israel. Mas Israel ressurgiu das cinzas do holocausto judeu na Segunda Guerra Mundial. Deus nunca abandonará Israel.

Este livro é um documento do MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DE ISRAEL. Eu sou o Escriba de Cristo, brasileiro, cristão e não sou judeu, mas sou pró-Israel, acredito na eleição divina de Abraão e que dele saíram três povos, judeus, árabes e um povo espiritual de todas as nações chamado a Igreja.

O estudo das profecias bíblicas e os eventos históricos cheios de tragédias e triunfos do povo hebreu só nos levam a uma conclusão: Israel é a nação eleita e segundo as Escrituras Israel será a nação que governará o mundo. O futuro de Israel é glorioso, e será a cabeça de todas as nações. O rei do universo governará de Jerusalém sobre toda a Terra. Não trataremos neste volume sobre o futuro de Israel e nem sobre o seu

passado, mas enfatizaremos aqui o atual Estado de Israel, aquela ilha no meio de nações árabes. Este é um dos mais completos estudo do Estado de Israel, um trabalho institucional do governo israelense apresentando dados estatísticos de toda sorte sobre o perfil deste país amado por todos os povos. Não há forças na terra e no inferno capaz de destruir Israel. Oremos pela paz em Jerusalém!!!

É possível obter cópias nas missões diplomáticas de Israel ou na Internet: www.mfa.gov.il

SUMÁRIO

História Estado Terra Povo
Saúde e serviços sociais Educação
Ciência e tecnologia Economia
Cultura

Entre as nações

HISTÓRIA
Tempos bíblicos

Período do segundo templo: O retorno a Sião
Dominação externa

Estado de Israel Processo de paz Destaques históricos

HISTÓRIA

A Terra de Israel (Eretz Yisrael) é o berço do povo judeu. Uma parte importante da longa história do país se passou lá, com dois mil anos sendo registrados na Bíblia; lá, sua identidade cultural, religiosa e nacional foi formada, e sua presença física foi mantida através dos séculos, mesmo após a maioria do povo ter sido exilada. Durante o longo período de dispersão, o povo judeu nunca cortou nem esqueceu sua conexão com a Terra. Após o estabelecimento do Estado de Israel em 1948, a independência judaica, perdida dois mil anos antes, foi renovada.

Lembra-te dos dias da antiguidade, atenta para os anos, geração por geração... (Deuteronômio 32:7)

TEMPOS BÍBLICOS

Moisés, de Michelangelo • San Pietro em Vincoli, Roma

Patriarcas

A história judaica começou há cerca de quatro mil anos (cerca do século XVII AEC) com os patriarcas: Abraão, seu filho Isaac e seu neto Jacó. Documentos encontrados na Mesopotâmia, datados de 2000 a 1500

AEC, confirmam aspectos de sua vida nômade, tal como descrito na Bíblia. O livro do Gênesis relata que Abraão foi chamado de Ur dos Caldeus para Canaã, para formar um povo com a crença no Deus Único. Quando a terra de Canaã foi assolada pela fome, Jacó (Israel), seus 12 filhos e suas famílias foram para o Egito, onde seus descendentes foram escravizados.

Êxodo e assentamento

Depois de 400 anos de escravidão, os israelitas foram libertados por Moisés, que, segundo a narrativa bíblica, foi escolhido por Deus para tirar seu povo do Egito e levá-los novamente à Terra de Israel, prometida a seus antepassados (cerca dos séculos XIII e XII AEC). Durante 40 anos, eles percorreram o deserto do Sinai, onde formaram uma nação e receberam a Torá (Pentateuco), que incluía os Dez Mandamentos e deu forma e conteúdo à sua fé monoteísta. O êxodo do Egito (cerca de 1300 AEC) deixou uma marca indelével na memória nacional do povo judeu e tornou-se um símbolo universal de liberdade e independência. Todo ano, os judeus celebram a Pessach (Páscoa), o Shavuot (Pentecostes) e o Sucot (Festa dos Tabernáculos), relembrando os eventos ocorridos naquela época.

Durante os dois séculos seguintes, os israelitas conquistaram a maior parte da Terra de Israel e tornaram-se agricultores e artesãos; em seguida, veio a consolidação econômica e social.

Durante períodos alternados de paz e guerra, o povo se uniu, representado por líderes conhecidos como juízes,

escolhidos por suas capacidades políticas, militares e de liderança. A fraqueza inerente a essa organização tribal diante da ameaça representada pelos filisteus (povo marítimo da Ásia Menor estabelecido na costa do Mediterrâneo) gerou a necessidade de um governante permanente para unir as tribos, com sucessão por herança.

"O Senhor te abençoe e te guarde; o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti; o Senhor levante o seu rosto sobre ti e te dê a paz."
(Números 6:24-26)

Museu de Israel, em Jerusalém

Profetas: Sábios religiosos e figuras carismáticas, que o povo considerava dotados de um dom divino de revelação; pregaram durante o período da monarquia até um século após a destruição de Jerusalém (586 AEC). Seja como conselheiros dos reis sobre religião, ética e política, ou como seus críticos de acordo com a prioridade da relação entre o indivíduo e Deus, os profetas eram guiados pela necessidade de justiça e emitiam poderosos comentários sobre a moralidade da vida nacional judaica. Suas revelações estão registradas em livros de prosa e poesia inspiradas, dos quais muitos foram incorporados à Bíblia.

O apelo universal e eterno dos profetas resulta de sua procura por uma análise fundamental dos valores humanos. Palavras como as de Isaías (1:17) (aprender a fazer o bem, dedicar-se à justiça; ajudar o injustiçado,

defender os direitos dos órfãos; defender a causa da viúva) continuam a alimentar a necessidade da humanidade por justiça social.

Monarquia

O primeiro rei, Saul (cerca de 1020 AEC), governou durante o período entre a organização tribal e o estabelecimento de uma monarquia plena com seu sucessor, Davi.

O rei Davi (cerca de 1004 a 965 AEC) estabeleceu seu reino como uma grande potência na região através de expedições militares bem sucedidas, incluindo a derrota final dos filisteus, e através de uma rede de alianças amistosas com reinos vizinhos. Consequentemente, sua autoridade era reconhecida desde as fronteiras do Egito e do Mar Vermelho até as margens do Eufrates. Em sua terra natal, ele uniu as 12 tribos israelitas em um só reino e estabeleceu sua capital, Jerusalém, e a monarquia no centro da vida nacional do país. A tradição bíblica descreve Davi como poeta e músico, com versos atribuídos a ele incluídos no Livro dos Salmos.

Davi foi sucedido por seu filho Salomão (cerca de 965 a 930 AEC), que fortaleceu o reino. Através de tratados com os reis vizinhos, reforçados por casamentos políticos, Salomão garantiu a paz para seu reino, igualando-o às grandes potências da época. Ele expandiu o comércio exterior e promoveu a prosperidade nacional, desenvolvendo grandes empreendimentos, tais como a mineração do cobre e a fundição de metais; enquanto

isso, construía novas vilas e fortalecia as vilas antigas, de importância estratégica e econômica. O auge de suas realizações foi a construção do Templo em Jerusalém, que se tornou o centro da vida nacional e religiosa do povo judeu. A Bíblia atribui a Salomão o Livro dos Provérbios e o Cântico dos Cânticos.

Monarquia dividida

O fim do reinado de Salomão foi marcado por descontentamento por parte da população, que teve que pagar muito por seus ambiciosos planos. Ao mesmo tempo, o tratamento preferencial a sua própria tribo irritava as outras, resultando em um crescente antagonismo entre a monarquia e os separatistas tribais. Após a morte de Salomão (930 AEC), uma insurreição aberta levou ao rompimento das dez tribos do norte e à divisão do país em um reino do norte, Israel, e um reino do sul, Judá — este último no território das tribos de Judá e Benjamin.

O Reino de Israel, com sua capital Samaria, durou mais de 200 anos com 19 reis, enquanto o Reino de Judá foi governado a partir de Jerusalém durante 400 anos pelo mesmo número de reis, da linhagem de Davi. A expansão dos impérios assírio e babilônio causou a dominação de Israel e, depois, de Judá. O Reino de Israel foi destruído pelos assírios (722 AEC) e seu povo foi levado ao exílio e ao esquecimento. Mais de cem anos depois, a Babilônia conquistou o Reino de Judá, exilando a maioria de seus habitantes e destruindo Jerusalém e o Templo (586 AEC).

Primeiro exílio (586 a 538 AEC)

A conquista da Babilônia pôs fim ao período do Primeiro Templo, mas não cortou a conexão do povo judeu à Terra de Israel. Às margens dos rios da Babilônia, os judeus se comprometeram a recordarem sua pátria: Se eu me esquecer de ti, ó Jerusalém, esqueça-se minha mão direita de sua destreza. Apegue-se-me a língua ao céu da boca, se não me lembrar de ti, se eu não preferir Jerusalém à minha maior alegria (Salmos 137:5-6).

O exílio na Babilônia, que se seguiu à destruição do Primeiro Templo (586 AEC), marcou o início da diáspora judaica. Lá, o judaísmo começou a desenvolver uma estrutura religiosa e um modo de vida fora da Terra, para assegurar a sobrevivência nacional do povo e sua identidade espiritual, imbuindo-a com a vitalidade necessária para preservar seu futuro como nação.

Nos rios da Babilônia, por E.M. Lilien

PERÍODO DO SEGUNDO TEMPO: O RETORNO A SIÃO

Assuero-Xerxes, um dos grandes reis persas, retratado em relevo nas paredes de um palácio em Persépolis

Períodos persa e helenístico (538 a 142 AEC)

Após um decreto do rei persa Ciro, conquistador do império babilônico (538 AEC), cerca de cinquenta mil judeus partiram pela primeira vez em direção à Terra de Israel, liderados por Zorobabel, descendente da Casa de Davi. Menos de um século depois, o segundo retorno foi liderado por Esdras, o Escriba. Nos próximos quatro séculos, os judeus tiveram diferentes graus de autonomia sob governos persas (538 a 333 AEC) e helenísticos (ptolemaico e selêucida) (332 a 142 AEC).

A repatriação dos judeus sob a inspirada liderança de Esdras, a construção do Segundo Templo no local do Primeiro Templo, a fortificação das muralhas de Jerusalém, e o estabelecimento da Knesset Hagedolah (Grande Assembleia), o supremo órgão religioso e judicial do povo judeu, marcaram o início do período do Segundo Templo. Dentro dos limites do Império Persa, Judá era uma nação liderada pelo sumo sacerdote e conselho de anciãos em Jerusalém.

Como parte do mundo antigo conquistado por Alexandre, o Grande, da Grécia (332 AEC), a Terra continuou a ser uma teocracia judaica, sob o domínio dos selêucidas, baseado nos sírios. Quando a prática do judaísmo foi proibida e seu Templo foi profanado, durante a imposição da cultura e costumes gregos a toda a população, os judeus se rebelaram (166 AEC).

Dinastia dos Asmoneus (142 a 63 AEC)

Primeiramente liderados por Matatias, da família sacerdotal dos Asmoneus, e depois por seu filho Judá, o

Macabeu, os judeus entraram em Jerusalém e purificaram o Templo (164 AEC). Os dois eventos são comemorados todo ano pelo festival de Hanucá.

Após outras vitórias dos Asmoneus (147 AEC), os selêucidas restauraram a autonomia da Judeia, como a Terra de Israel era então chamada, e, com o colapso do reino selêucida (129 AEC), a independência judaica foi alcançada. Durante a dinastia dos Asmoneus, que durou aproximadamente 80 anos, o reino recuperou fronteiras quase iguais às do reino de Salomão, alcançou a consolidação política sob o governo judeu e a vida judaica floresceu.

Massada: Cerca de mil homens, mulheres e crianças judias, que tinham sobrevivido à destruição de Jerusalém, ocuparam e fortificaram o palácio de Massada, do rei Herodes, no topo de uma montanha na região do Mar Morto, onde resistiram durante três anos a diversas tentativas romanas de desalojá-los. Quando os romanos finalmente escalaram Massada e derrubaram suas paredes, eles descobriram que os defensores e suas famílias haviam escolhido morrer por suas próprias mãos, em vez de serem escravizados.

Menorá no Arco de Tito, em Roma

História da menorá

A Menorá de Ouro (um candelabro de sete braços), era um importante objeto de rituais no templo do rei Salomão, na antiga Jerusalém. Através dos tempos, tem

simbolizado a herança e tradição judaicas em inúmeros locais e formas.

Menorá em uma moeda dos Asmoneus, do século I AEC (Patrimônio Histórico de Israel)

Menorá em dois fragmentos de gesso do século I EC, encontrada no Bairro Judeu de Jerusalém (Sociedade de Exploração de Israel)

Menorá no piso de mosaico de uma sinagoga do século V ou VI , em Jericó (Patrimônio Histórico de Israel)

Menorá perto do Knesset, por Benno Elkan

(Sala de Imprensa do Governo (S.I.G.) / F. Cohen)

Halachá é o órgão de direito que orienta a vida judaica em todo o mundo desde os tempos pós-bíblicos. Ele descreve as obrigações religiosas dos judeus, tanto nas relações interpessoais quanto nos rituais, e engloba praticamente todos os aspectos do comportamento humano — nascimento e casamento, alegria e tristeza, agricultura e comércio, ética e teologia. Baseada na Bíblia, a autoridade do halachá é fundada no Talmude, um corpo de leis e conhecimentos populares judaicos (concluído em cerca de 400), que incorpora a Misná, primeira compilação escrita da Lei Oral (codificada em cerca de 210), e o Gemara, uma continuação da Misná. Para fornecer orientações práticas para o Halachá, resumos concisos e sistemáticos foram escritos por estudiosos de religião a partir dos séculos I e II. Dentre as codificações de maior credibilidade está o Shulchan Aruch, escrito por Joseph Caro em Safed (Tzfat), no século XVI.

Domínio romano (63 AEC a 313 EC)

Quando os romanos substituíram os selêucidas, passando a ser a grande potência da região, eles concederam ao rei Asmoneu Hircano II uma autoridade limitada, subordinado ao governador romano de Damasco. Os judeus reagiram com hostilidade ao novo regime, e nos anos seguintes houve diversas insurreições. Matatias Antígono fez uma última tentativa de restaurar a antiga glória da dinastia dos Asmoneus; sua derrota e morte finalizou o governo dos Asmoneus (40 AEC), e a Terra tornou-se uma província do Império Romano.

Em 37 AEC, Herodes, genro de Hircano II, foi nomeado rei da Judéia pelos romanos. Com autonomia quase ilimitada sobre assuntos internos do país, ele tornou-se um dos mais poderosos monarcas no Império Romano oriental. Grande admirador da cultura greco-romana, Herodes lançou um enorme programa de construções, que incluía as cidades de Cesareia e Sebaste e as fortalezas em Heródio e Massada. Ele também reformou o Templo, tornando-o uma das mais magníficas construções da época. Mas apesar de suas realizações, Herodes não conseguiu ganhar a confiança e o apoio de seus súditos judeus.

Dez anos após a morte de Herodes (4 AEC), a Judeia passou a ser governada diretamente pelos romanos. A opressão romana da vida judaica causou uma insatisfação crescente, resultando em episódios violentos

esporádicos que se transformaram em uma grande revolta em 66 EC. Forças superiores romanas, lideradas por Tito, acabaram vitoriosas, arrasando Jerusalém totalmente (70 EC) e derrotando até a última fortaleza judia em Massada (73 EC).

A total destruição de Jerusalém e do Segundo Templo foi catastrófica para o povo judeu. De acordo com o historiador contemporâneo Flávio Josefo, centenas de milhares de judeus faleceram durante a tomada de Jerusalém e no restante do país, e outros milhares foram vendidos como escravos.

Houve um último e breve período de soberania judaica após a revolta de Shimon Bar Kochba (132 EC), durante o qual Jerusalém e a Judeia foram reconquistadas. No entanto, dado o enorme poder dos romanos, o resultado era inevitável. Três anos depois, de acordo com os costumes romanos, Jerusalém foi "arada com uma junta de bois"; a Judeia foi renomeada Palestina e Jerusalém, Aelia Capitolina.

Embora o templo tivesse sido destruído e Jerusalém totalmente queimada, os judeus e o judaísmo sobreviveram ao encontro com Roma. O órgão legislativo e judiciário supremo, o Sinédrio (sucessor da Knesset Hagedolah) foi reunido em Yavneh (70 EC) e, mais tarde, em Tiberíades. Sem a estrutura unificadora do Estado e do Templo, a pequena comunidade judaica restante se recuperou gradualmente, ocasionalmente fortalecida pela volta de grupos exilados. A vida institucional e comunal foi renovada, os sacerdotes foram substituídos por rabinos e

a sinagoga tornou-se o foco das comunidades judaicas, como exemplificado pelos restos de sinagogas em Capernaum, Korazin, Bar'am, Gamla, etc. O Halachá (a lei religiosa judaica) serviu como elo comum entre os judeus e foi passado de geração a geração.

DOMINAÇÃO EXTERNA

Domínio bizantino (313 a 636)

Ao final do século IV, após o Imperador Constantino adotar o cristianismo (313) e a fundação do Império Bizantino, a Terra de Israel havia se tornado um país predominantemente cristão. Igrejas foram construídas em locais sagrados cristãos em Jerusalém, Belém e Galileia, e fundaram-se mosteiros em muitas regiões do país. Os judeus foram privados da autonomia relativa que tinham anteriormente, do direito de ocupar cargos públicos, e foram proibidos de entrar em Jerusalém, exceto em um dia do ano (Tisha B'Av — nove de Av) para lamentar a destruição do Templo .

A invasão persa de 614 foi auxiliada pelos judeus, inspirados pela esperança messiânica da libertação. Em troca de sua ajuda, eles receberam o governo de Jerusalém; esse período durou aproximadamente três anos. Subsequentemente, o exército bizantino recuperou o domínio da cidade (629) e mais uma vez expulsou seus habitantes judeus.

Domínio árabe (636 a 1099)

A conquista da Terra pelos árabes ocorreu quatro anos após a morte de Maomé (632) e durou mais de quatro séculos, com califas governando primeiro a partir de Damasco, depois de Bagdá e do Egito. No início, a colonização judaica em Jerusalém foi retomada, e a comunidade judaica recebeu o status de dhimmi (não muçulmanos protegidos), o que lhes garantia a vida, propriedade e liberdade de culto, em troca do pagamento de taxas e impostos territoriais especiais.

No entanto, logo restrições contra não muçulmanos (717) afetaram a conduta pública dos judeus, assim como suas práticas religiosas e seu status legal. A imposição de pesados impostos sobre terras agrícolas fez com que muitos se mudassem de áreas rurais para as cidades, onde sua situação melhorou pouco; enquanto isso, o aumento da discriminação social e econômica forçou muitos outros a deixar o país. Ao final do século XI, a comunidade judaica na Terra tinha diminuído consideravelmente, tendo perdido parte de sua coesão organizacional e religiosa.

Cruzados (1099 a 1291)

Durante os 200 anos seguintes, o país foi dominado pelos cruzados, que, atendendo a um apelo do Papa Urbano II, vieram da Europa para recuperar a Terra Santa dos infiéis. Em julho de 1099, após um cerco de cinco semanas, os cavaleiros da Primeira Cruzada e seu exército de plebeus capturaram Jerusalém, massacrando a maioria dos habitantes não cristãos da cidade. Presos em suas sinagogas, os judeus defenderam sua região,

mas foram queimados vivos ou vendidos como escravos. Durante as décadas seguintes, os cruzados ampliaram seu poder sobre o restante do país, em parte por meio de tratados e acordos, mas principalmente através de sangrentas conquistas militares. O Reino Latino dos Cruzados constituía-se de uma minoria conquistadora, confinada em cidades e castelos fortificados.

Quando os cruzados abriram as rotas de transporte a partir da Europa, a peregrinação à Terra Santa tornou-se popular e, ao mesmo tempo, um número cada vez maior de judeus procurava

retornar à sua terra natal. Documentos da época indicam que 300 rabinos da França e da Inglaterra chegaram em um grupo, instalando-se em Acre (Akko), outros em Jerusalém.

Após a derrota dos cruzados pelo exército muçulmano de Saladino (1187), os judeus ganharam novamente certa liberdade, incluindo o direito de viver em Jerusalém. Embora os cruzados tenham conseguido uma presença no país após a morte de Saladino (1193), sua presença limitava-se a uma rede de castelos fortificados.

A autoridade dos cruzados na Terra terminou após uma derrota final (1291) pelos mamelucos, uma casta militar muçulmana que conquistara o poder no Egito.

Domínio mameluco (1291 a 1516)